

**SITE DA UNIOESTE
EM LÍNGUA INGLESA**

CORDEIRO, Juci Mara¹

¹ Mestre em Letras. Coordenadora do projeto de extensão: Unioeste Site in English Version.

RESUMO: Partindo de uma concepção de tradução como uma transferência lingüística e cultural, o intuito do presente trabalho é prosseguir a investigação sobre tradução sob uma perspectiva bem específica, que é identificar uma abordagem de tradução, formada por um conjunto de estratégias utilizadas durante o processo tradutório. A tradução como foco de estudo justifica-se primeiramente, por atender a um processo contínuo de pesquisa na área, e por ser considerada como a quinta habilidade necessária para a aprendizagem de uma língua estrangeira. O estudo de autores contemporâneos - que apresentavam abordagens para o processo tradutório - foram tomadas como base para análise/tradução do corpus, o qual é constituído por textos com informações genéricas sobre o site da UNIOESTE. Constatamos que os estudos tradutológicos estão expandindo seus paradigmas e como consequência, tratam inclusive das relações de poder que permeiam a tradução. Da mesma maneira, no exercício de transposição lingüística, percebemos que os conceitos e abordagens propostos pelos autores resultam em um trabalho mais consciente e criterioso, e também proporcionam maior confiança ao tradutor com relação ao resultado final de seu trabalho. Acreditamos que o objetivo do projeto, qual seja, suporte teórico e pragmático para o desenvolvimento do projeto /tradução do site (da língua portuguesa para a língua Inglesa) foi atingido. Desta forma, a informação sobre os cursos da Unioeste disponibilizada também em língua inglesa, pode atingir a um número maior de pesquisadores e estudantes universitários originários de países não falantes de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Teoria, Prática.

ABSTRACT: From a conception of translation as a linguistic and cultural transference, the intention of the present paper is to continue the investigation about translation in the identification of a translation approach, which could be built by a set of strategies used during the translation process. The translation as the study focus is justified firstly because it represents continuous research process in the area, and for being considered as the fifth skill in a foreign language learning process. The study of contemporary authors who presented approaches for the translation process, were taken as the basis for the corpus analysis, which is constituted by the texts of Unioeste site, the ones considered as having the more permanent information. It could be noticed that the Translation Studies are expanding their paradigms and nowadays have concernment even about the translation power relations. In the same way, in the linguistic transposition practice, we could perceive that the concepts and procedures proposed by the authors result in a more conscious work and provide a bigger confidence to the translator in relation to the last version of the text. We believe that the aim of the project, such as, our theoretical and pragmatcal support to the development of the project (translation of the site), was reached. In this way, the information about the Unioeste courses provided in English, may reach a bigger rate of researchers and college students from Portuguese non-speaking countries.

KEYWORDS: Translation, Theory, Practice.

INTRODUÇÃO

A proposta inicial deste trabalho é apontar autores que investiguem o processo tradutório e identificar possíveis estratégias que auxiliam a tarefa do tradutor. Inicialmente podemos citar ROBINSON (2002) que toma como base de seus argumentos, alguns conceitos do filósofo americano, criador da Semiótica, Charles Sanders Peirce (1931). Segundo Peirce (apud ROBINSON, 2002), as relações entre experiência e hábito acontecem no contexto de uma tríade, ou processo de três etapas, que seriam em seqüência cronológica, o instinto, a experiência e o hábito.

Transferindo-se estes conceitos para o contexto da tradução poderíamos descrever o processo tradutório da seguinte forma: primeiramente utilizando a sua intuição o tradutor tenta compreender o funcionamento da estrutura sintática e o significado de uma palavra ou frase da língua com que vai trabalhar, o que caracterizaria o instinto, dentro desse processo. (cf. ROBINSON, 2002: 137)

Em um movimento de continuidade e de idas e vindas entre as duas línguas afetas, o tradutor transpõe essas palavras ou frases, percebendo as semelhanças e dessemelhanças entre elas. Essa interação com os dois textos (de origem e alvo), promove a experiência do tradutor. Com o passar do tempo ele sublima soluções específicas de problemas específicos, ou seja, os modelos e regularidades se transformam em hábito, que o ajudam a traduzir com mais rapidez e eficiência. “Os três tipos de experiência – os palpites abduativos, a criação indutiva de modelos e as leis dedutivas – aproximam o tradutor – aprendiz ainda mais do “hábito”, da criação de uma memória normativa eficaz que o capacite a processar rapidamente o material textual, psicossocial, e cultural” (ROBINSON, 2002: 141).

A concepção de tradução como transcodificação lingüística e cultural é defendida por autores como AUBERT (1993), BASSNETT (1981), BAKER (1992), e VENUTTI (2002). Por sua vez RIDD (2000), em sua proposta de tirar a tradução do exílio, postula a tradução como a quinta habilidade a ser desenvolvida quando do aprendizado de uma Língua Es-

trangeira. Esse argumento vem respaldar a nossa iniciativa de pesquisa na área de tradução, uma vez que, somos docentes de Letras Português-Inglês e contribuimos para a formação de professores de língua estrangeira.

AZENHA JUNIOR (1999) apresenta as diferentes correntes que abordam a tradução por ângulos filosóficos distintos, os quais contribuem para a elucidação de diferentes aspectos envolvidos no processo tradutório.

Finalmente, em direção ao nosso objetivo de identificar abordagens ou estratégias a serem utilizadas durante o processo tradutório, valemo-nos das contribuições de BAKER (1992), NEWMARK (1993), AZENHA JUNIOR (1999) e ALVES et. al (2002), as quais proporcionaram uma ação mais criteriosa e a consciência das implicações lingüísticas, culturais e funcionais que permeiam o processo tradutório.

Posteriormente ao estudo de teóricos que tivessem uma perspectiva cultural, funcional, comunicativa e social (entre outras) da tradução, passamos a etapa seguinte da nossa proposta. Tentamos perceber de que maneira essas teorias, conceitos e abordagens, sobre as quais discorreremos, auxiliáramos efetivamente durante o processo tradutório.

O corpus que se tornou nosso objeto de análise foram os textos do site da UNIOESTE, os quais constituíram as traduções elaboradas para o projeto de extensão Unioeste Site in English Version. Os textos do site da UNIOESTE disponíveis em língua portuguesa, foram traduzidos para a língua inglesa, com o intuito de que não falantes de língua portuguesa também tivessem a possibilidade de acesso às informações sobre os cursos dos diferentes campi e de pesquisas que estão sendo desenvolvidas pelos docentes da instituição.

I. CORRENTES TEÓRICAS SOBRE A TRADUÇÃO

A pesquisa em tradução tem sido prejudicada pelo domínio de abordagens lingüísticas, as quais impõem limites em função de sua relutância em considerar os aspectos sociais inerentes à tradução, segundo Venutti. Esse distanciamento entre a teoria e a prática de tradução é tão ampla que o autor

chega a afirmar que: “A tradução sofre de um isolamento institucional, divorciada dos desenvolvimentos contemporâneos e dos debates que a revestem de significado” (2002: 10).

A concepção de tradução como transcodificação lingüística e cultural configura-se como o cerne da proposta deste trabalho e no sentido de dar respaldo científico a essa postura, podemos citar autores contemporâneos brasileiros tais como AUBERT (1993), AZENHA JÚNIOR (1999), RODRIGUES (2000), e estrangeiros como BASSNETT (1981), NEWMARK (1988), BAKER (1992), ROBINSON (2002) JIANG (2002) e VENUTTI (trad. 2002).

Jiang (2000) em sua reflexão sobre a relação entre cultura e linguagem utiliza a metáfora do iceberg para simbolizá-las, sendo que, a parte visível e menor representa a linguagem e a parte maior e submersa representa a cultura.

Venutti, em seus estudos culturais vai mais além e tenta promover também uma reflexão sobre os efeitos sociais de textos traduzidos. Com esse objetivo, o autor aponta as assimetrias, as relações de dominação e dependência que existem em cada ato de tradução. “A tradução faz-se presente de forma maciça no mundo empresarial, na publicação internacional de best-sellers e nos padrões desiguais de comércio intercultural entre os países hegemônicos do norte e do ocidente e seus Outros na África, Ásia e América do Sul.” (2002: 11).

Igualmente preocupada com a implicação das relações que permeiam a tradução, podemos citar Rodrigues: “Como não existe intercâmbio com perfeito equilíbrio entre duas línguas, nem mesmo internamente a uma língua, a tradução exige uma reflexão sobre a questão da diferença, da semelhança, da alteridade do poder.” (2000: 225).

Por sua vez a relação entre tradução e o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, inicialmente associada ao Grammar Translation Method, que foi utilizado na Alemanha no início do século XX, desfrutava de conceitos não muito positivos tais como, não comunicativa, monótona, difícil e irrelevante. Porém sob a ótica dos avanços alcançados pelos Estudos da Tradução RIDD defende um status diferente para a tradução no ensino-aprendizagem de LE:

Since those with a command of another tongue are expected to be able to translate from it for the benefit of those unable to penetrate its mysteries, language teachers would serve their clientele better were they treat translating on a par with writing or reading – a fifth skill involving considerable intellectual challenge, one to be mastered by all foreign language learners if effective intercultural communication is to occur (2000: 122).

O autor em sua proposta de tirar a tradução do exílio em que esteve submetida pela Metodologia de Ensino de língua estrangeira do século XX, aponta autores como Marchand que já em 1950 advogava a tradução como uma quinta habilidade.

Em seu trabalho são citados também autores tais como Widowsom (1979), que assim se posiciona: “I want to argue that translation can be a very useful pedagogic device indeed in some circumstances (...) translation of a kind may provide the most effective means of learning” (apud RIDD, 2000: 134); ULRICH (1986) explica: “translation conceived of as intra – and interlingual interpretation leads to a deeper awareness of the complexity of language and enhances students’ ability to develop SL analyzing techniques and SL/ TL transfer strategies”. (apud RIDD, 2000: 135); RIVERS & TEMPERLEY (1978) que afirmam que:

Genuine translation involves the exploration of the potential of two languages. It not only involves the students in serious consideration of the expressive possibilities of the new language, but also extends their appreciation of the semantic extensions and limitations of their first language and the implications for meaning of its syntactic options. It is, then, an appropriate undertaking in an advanced course, or even at the intermediate level...” (apud RIDD, 2000: 135).

Conjugamos com as posturas defendidas pelos autores acima citados e nesse sentido propusemos a discussão teórica e prática de tradução por meio da disciplina Aspectos Teóricos e Práticos da Tradução no Curso de Letras, o que despertou nos alunos a consciência sobre as imbricações culturais, sociais e funcionais que a permeiam, o que culminou na mudança da postura deles com relação à tradução.

2. A AMPLITUDE DA TRADUÇÃO E AS IMPLICAÇÕES SOBRE O TRADUTOR

Os Estudos Tradutológicos nos últimos 30 anos – de meados da década de 60 a meados da década de 90 – desenvolveram diferentes correntes que abordam a tradução por ângulos filosóficos distintos e contribuem para a elucidação de diferentes aspectos envolvidos no processo tradutório. Dentre muitas, podemos citar a perspectiva lingüística (cf. por ex. ALBRECHT 1973; CATFORD 1965; DILLER/KORNELIUS, 1978); a perspectiva da análise do texto (ex: THIEL, 1974-1981 e NORD, 1988); a perspectiva hermenêutica (PAEPCKE/FORGET, 1981 e STOLZE, 1982); a perspectiva funcional (HONIG e KUSSMAUL 1982 e a Skopostheorie de REISS e VERMEER 1984); a corrente de orientação cultural (cf. VERMEER 1986, & SNELL-HORNBY, 1988); a perspectiva da crítica da tradução - Lingüística textual: ex: REISS, 1976 e Lingüística Pragmática, HOUSE, 1977); a perspectiva contrastiva (cf. MALBLANC, 1868; VINAY/DARBELNET, 1958, AUBERT, 1991 – Estilística Comparada, e TRUFFAUT 1983 ou NEWMARK 1988); a perspectiva Literária; a perspectiva terminológica (cf. ARNTZ 1986 – 1988; ARNTZ/PICHT, 1989; SCHMITT, 1986); a corrente da tradução computadorizada (cf. BLATT et al., 1985; KING, 1987; WILLS, 1988); a perspectiva da Psicolingüística (cf. KÖNIGS 1986, 1987; KRINGS, 1986; e FAERCH/KASPER, 1987); e a corrente didática da tradução (cf. KONIGS, 1987, 1981).

Todas essas perspectivas que nos apontam os estudos tradutológicos configuram-se como mais um elemento enfatizador da amplitude e complexidade do processo tradutório e conseqüentemente da importância de uma formação do tradutor compatível com esse cenário teórico contemporâneo. De grande valia seria também se nós os profissionais da linguagem dismistificássemos o referencial de tradução que possamos ter tido – ex: o Grammar Translation – e que não atende mais às perspectivas contemporâneas apontadas anteriormente, para praticarmos a tradução na perspectiva da quinta habilidade - desenvolvida durante a aprendizagem de uma LE - sugerida por alguns autores citados.

A ampliação da perspectiva sobre a tradução e a consequente percepção dos diversos elementos que contribuem para a leitura durante o ato tradutório, expande consequentemente a responsabilidade/autoridade do tradutor. Para a manutenção do mesmo referente (conteúdo) no texto de chegada, AUBERT alerta que "(...) uma das dificuldades da tradução será então, encontrar na língua de chegada, meios de expressão para um referente diverso daquele que o complexo língua/cultura de chegada usualmente exprime" (Aubert, 1993: 44).

Para alcançar tal objetivo o tradutor assume então o papel de criador e inovador da linguagem, "gerando toda uma terminologia (...) nova, transmutando o referente de partida e incluindo-o no acervo da língua/cultura de chegada" (AUBERT, 1993: 45).

Tendo CAMPBELL como referência, PAGANO aponta que competência tradutória envolve habilidades tais como, conhecimento do léxico, da morfologia, e da sintaxe das línguas envolvidas, bem como, conhecimento de aspectos textuais, de coesão e coerência, reconhecimento de macro-estruturas textuais e coligações lexicais e domínio de registros e gêneros discursivos.

Nessa perspectiva de redimensionamento no papel do tradutor AZENHA JÚNIOR afirma que ele "passa a participante ativo no processo de tradução, nele atuando como 'técnico', como 'especialista' para a produção de textos, cujo objetivo é viabilizar a comunicação entre culturas (1999: 38). Para a efetivação de seu trabalho o tradutor "(...) terá de tomar decisões nos mais diversos níveis, tais como, comunicativo, lingüístico e técnico. É, portanto, e inevitavelmente, agente, elemento ativo, produtor de texto e de discurso. (AUBERT, 1993: 80).

A reflexão pós-moderna proposta por RODRIGUES situa o tradutor no papel de um agente transformador responsável pela reescrita de um texto, e que vai atribuir os significados de acordo com as redes de convenções vigentes em sua época, em sua comunidade (2000: 221). Por sua vez BASSNETT afirma que o tradutor, em sendo o autor do texto-alvo, tem uma responsabilidade moral muito clara para com o leitor (1991: 23).

Dada à complexidade do fenômeno da tradução, faz-se necessária a ampliação das "interfaces dessa área com outras áreas e disciplinas, num trabalho conjunto e cooperativo entre

profissionais de diferentes campos" (AZENHA JÚNIOR, 1999: 20). Para o autor, mesmo as decisões tomadas em níveis mais elementares da hierarquia lingüística só serão de alguma valia para a tradução se tomadas em relação a um horizonte de critérios gerais, previamente estabelecidos, e que visam contemplar as exigências da comunicação estabelecida em cada caso.

Na tradução como resultado final teríamos instâncias geradoras de variáveis de diversas ordens, entre elas podemos citar: os códigos (isoladamente ou em confronto), o tradutor (sua história e formação), a situação de recepção do texto a ser traduzido, a situação de produção da tradução, a intermediação de terceiros (editoras, agentes literários,...) e o grau de interferência dos profissionais durante o processo de revisão e preparação do texto final (AZENHA JÚNIOR, 1999: 22).

Todas essas variáveis estariam ligadas a uma realidade histórico-cultural e seriam condicionadas por normas sociais e de uso lingüístico, sujeitas as constantes alterações nas diferentes comunidades e em diferentes momentos. O autor sugere então a função comunicativa do texto-alvo como o fio condutor para esse quadro de condicionantes, e o norteador das estratégias de produção da tradução (p. 37).

3. ABORDAGENS E ESTRATÉGIAS PARA O PROCESSO TRADUTÓRIO

Newmark em sua descrição operacional do processo tradutório sugere como primeiro passo a escolha de uma abordagem de tradução. O autor defende a idéia de que a teoria deve estar a serviço do tradutor e que esta deve ser o elo entre a teoria de traduzir (ou teoria funcional) e a prática de tradução. Postula também que a teoria de traduzir (ou teoria funcional) é embasada, por meio da naturalidade, em uma teoria de tradução (1995: 20).

Para ilustrar a sua teoria funcional da linguagem, o autor (op.cit.) apresenta um esquema que nos evidencia uma interação entre teorias, conceitos e referentes e a teoria funcional que culminariam então na prática de tradução. O processo tradutório inicia com a articulação dos três conceitos de função da linguagem – expressiva, informativa e vocativa -, pas-

saria pelas teorias de tradução – Semântica e Comunicativa -, seguiria então para o esquema referencial – o problema tradutório específico, os fatores contextuais, e os procedimentos tradutórios -, fluindo a seguir para os diferentes níveis da teoria funcional – textual, referencial, coesivo e de naturalidade – que devidamente articulados, resultariam na prática da tradução.

Durante o processo tradutório trabalhamos – conscientemente – nos níveis: textual, referencial, coesivo e de naturalidade. Intuitivamente o tradutor faz certas “conversões”, ou seja, transpõe a gramática de língua-fonte (l.f.) para os seus equivalentes “prontos” da língua-alvo (l.a) e da mesma forma traduz as unidades lexicais para o sentido/significado que lhe parece imediatamente apropriado no contexto da frase. O tradutor estaria trabalhando aqui em nível textual.

Seja qual for a tipologia textual a ser traduzida, o tradutor deveria ter a cautela de não ler uma frase sequer sem ter em mente o contexto do texto-alvo, que seria definido por meio do levantamento de elementos tais como, assunto do texto, o leitor-alvo, e a intenção do autor. Para o autor os níveis referencial e textual andam de mãos dadas e como todas as línguas têm palavras e estruturas polissêmicas, as quais muitas vezes serão resolvidas somente se conduzidas ao nível referencial.

Os níveis do trabalho do tradutor são assim apresentados: “... you are working continuously in two levels, the real and the linguistic, life and language, reference and sense, but you write, you “compose”, on the linguistic level, where your job is to achieve the greatest possible correspondence, referentially and pragmatically, with the words and sentences of the SL text”. (Newmark, 1995: 23)

Entre os níveis factuais – textual e referencial - existe um terceiro nível – coesivo- que une o primeiro e o segundo. O nível coesivo segue a estrutura e o humor do texto por meio dos elementos coesivos (conjunções, enumerações, reiterações, artigo definido, sinônimos referenciais, sinais de pontuação), ligando as frases, e geralmente partindo da informação conhecida para a informação nova.

Um segundo fator percebido em nível coesivo é o humor, que pode ser mostrado como dialético e que se move entre o positivo e o negativo, o emotivo e o neutro. Notar o hu-

mor do texto significa seguir as trilhas de um texto por meio de suas passagens contempladas com expressões valorativas e não valorativas que podem ser expressas por meio de objetos ou substantivos. O autor (op.cit.) ressalta a importância de o tradutor perceber a diferença entre a conotação neutra e positiva e entre a conotação neutra e negativa das palavras e expressões, a qual é geralmente sutil. (p. 24).

Para o autor, o nível coesivo é o regulador que assegura a coerência e ajusta a ênfase, pois é nele que o tradutor reconsidera a extensão do parágrafo e das frases, a formulação do título e o tom da conclusão. Para a vasta maioria das tipologias textuais (exceto os textos mal escritos, os textos de autoridade, os inovativos que apresentam uma linguagem peculiar), o tradutor tem que se assegurar de que a sua tradução faz sentido, que a leitura flui, que a estrutura lingüística, as expressões e palavras utilizadas no texto vêm ao encontro da situação apresentada no texto.

Segundo Newmark (1995), o tradutor conseguirá tal intento por meio de seu desligamento temporário do texto-fonte, e a partir de então, ele lerá sua tradução como se o mesmo não existisse. Dessa maneira o tradutor estaria trabalhando em nível de naturalidade. Alguns questionamentos que o tradutor pode fazer a si próprio e a outros, e que podem ser úteis a ele para perceber a naturalidade do texto, são: a linguagem usada na tradução é comum para esta tipologia textual? Em que contexto eu encontraria essa linguagem? Com que frequência?

A naturalidade da linguagem do texto compreende o uso adequado de uma variedade de expressões idiomáticas ou estilos ou registros que são determinados primeiramente pela contextualização do texto que acontece pela determinação de onde o texto será publicado, quem é o autor, qual é o assunto do texto, e quem é o leitor, por exemplo. Newmark propõe que o tradutor trabalhe paralelamente nos quatro níveis, os quais são distintos, porém, podem conflitar entre si (1995: 26).

O processo de transposição da L1 para a L2 é um exercício mentalmente desgastante, pois primeiramente processamos a compreensão do texto em L1, com todas as suas implicações morfológicas, sintáticas e semânticas, e imediatamente passa-

mos a processar esses elementos da L1 para os elementos (sintáticos, semânticos e morfológicos) da L2, com todas as implicações citadas anteriormente. Esse dialogismo contínuo entre o par lingüístico em análise, às vezes provoca uma certa falta de naturalidade do texto – provocada ocasionalmente pelo cansaço mental – que como defendida por NEWMARK, se resolve com um certo distanciamento do texto-fonte.

Partindo da função comunicativa do texto, o tradutor como emissor do texto-alvo, estabelece o grau necessário de diferenciação - que é determinado pela fronteira relevante entre a verbalização e o pano de fundo sócio-cultural do texto-fonte - para a sua verbalização (apud AZENHA JÚNIOR, 1999: 39).

Deparamo-nos também com a proposta de ALVES; MAGALHÃES; e PAGANO (2000), pesquisadores brasileiros na área dos Estudos Tradutológicos. O conceito de estratégia adotado no trabalho dos autores foi tomado emprestado das teorias de aprendizagem, sobretudo daquelas que são utilizadas pela Lingüística Aplicada, ao Ensino de línguas estrangeiras. Igualmente esta abordagem apóia-se em estudos oriundos de áreas correlatas, tais como a Psicolingüística, Análise do Discurso, a Psicologia Cognitiva e a Informática.

A postura dos autores com relação ao desenvolvimento de estratégias de tradução, bem como a nossa, é no sentido de despertar o tradutor para a consciência da complexidade do processo tradutório: “A conscientização desse tradutor envolve um redimensionamento do conceito de aprender, o qual passa a demandar que o aprendiz se torne diretamente responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem” (ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Celia; e PAGANO, Adriana, 2000: 07).

Segundo ANDREW CHESTERMAN (1998) as “formas eficientes, apropriadas e econômicas de resolver um problema” configuram-se como estratégias (apud ALVES; MAGALHÃES; e PAGANO 2000: 19).

Todas as ações no sentido de responder às perguntas que nos ocorrem durante o processo tradutório e que são respondidas com base em nosso conhecimento prévio lingüístico e cultural e em informações buscadas fora do texto, constituem as estratégias, segundo os autores (op.cit.).

Os autores sugerem que durante o processo tradutório, é possível segmentar os textos – fonte e alvo –, em unidades de tradução, como uma estratégia de tradução. Porém, como os teóricos de diferentes perspectivas tais como, a Análise do Discurso e a corrente funcional, entendem essas unidades de tradução de formas distintas, se torna impossível haver um conceito universal que abarque essas oposições. Considerando essas divergências os autores propõem o conceito de unidade de tradução: “...é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor.” (ALVES; MAGALHÃES; e PAGANO 2000: 38).

A primeira estratégia proposta por PAGANO é a busca de subsídios externos ao texto, em fontes textuais e recursos computacionais. Com o intuito de subsidiar a sua tarefa tradutória poderá - de acordo com suas necessidades específicas para cada tipologia textual – utilizar diferentes abordagens, tais como, a consulta a glossários e dicionários especializados na área específica, consulta a especialistas da área com a qual está trabalhando, pesquisa em enciclopédias ou na internet e consulta a textos paralelos.

A consulta a textos paralelos – textos com a mesma tipologia textual, sobre o mesmo assunto, na língua-alvo – é muito útil quando da transposição de textos oficiais (ex: certidão de nascimento – normalmente atribuída ao tradutor juramentado), para que seja possível uma análise comparativa do léxico e da sintaxe, próprios do jargão jurídico nas duas línguas, para que venha a resultar em uma tradução adequada à função a que se presta.

A consulta a dicionários bilíngües requer alguns cuidados do tradutor. Mesmo escolhendo um dicionário de qualidade para a primeira consulta, ele deve checar as informações obtidas em outros dicionários bilíngües e também conceituados. No caso de ainda não estar totalmente seguro com a escolha, deve então proceder consulta a dicionários monolíngües que apresentam, além das definições, informa-

ções lexicais tais como, sinônimos, antônimos, hipônimos e palavras afins, as quais são indispensáveis ao seu trabalho.

A autora (op.cit.) sugere o uso de versões atualizadas de dicionários, preferencialmente aqueles construídos por meio de recursos computacionais, a partir de um banco de dados atual e diversificado, e que contempla diversos tipos de textos (p. 41). Da mesma forma é aconselhável consultar dicionários dirigidos ao aprendiz de língua estrangeira, pois oferecem “dados mais específicos em relação ao termo em discussão, não apenas numa perspectiva etimológica, mas também sob a ótica do uso do termo em diferentes instâncias discursivas” (p. 44).

Quando o tradutor desconhece a terminologia específica de uma área a sugestão é para que consulte glossários especializados, bem como, consulte a profissionais especialistas da área. Estudiosos constataram que a comunidade científica, na produção do discurso científico, utiliza-se de radicais de origem grega ou latina para gerar os termos que serão adotados na área. Esses termos são freqüentemente traduzidos literalmente, mantendo-se os radicais que lhe deram origem, o que significa dizer que terão um correspondente muito próximo nas diferentes línguas.

A Abordagem proposta por ALVES (ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Celia; e PAGANO, Adriana, 2000) são as estratégias de busca de subsídios internos, que são a memória e os mecanismos inferenciais. Este apoio interno a que o autor se refere dar-se-á por meio de nosso conhecimento de mundo – conhecimento enciclopédico e bagagem cultural – e o conhecimento procedimental - como utilizar o que já conhecemos. Segundo o autor (op.cit.), o tradutor deveria contar com o apoio da memória de longo prazo, já que é ela “que permite ao indivíduo estabelecer uma forma estável de codificação de informações, o que possibilita a recuperação consciente destas, por meio de redes associativas”. “Quanto maior o número de associações que conseguimos estabelecer, maior será a nossa capacidade de recuperação de memória. Para a tradução, isto implica um maior número de alternativas de caráter semântico a serem disponibilizadas no decorrer do processo tradutório” (p. 64).

A operação mental que utilizamos para compreender informações de forma indireta durante o processo tradutório, é denominada inferência. Porém, o autor alerta que quanto mais distante - as informações a serem processadas - estiverem do nosso contexto, mais difícil será a sua recuperação, podendo haver ocorrência de erros tradutórios, os quais podem ser atribuídos à dificuldade de estabelecer relações coerentes entre o texto a ser traduzido e o nosso conhecimento de mundo.

Dando prosseguimento a apresentação das abordagens dos autores mencionados anteriormente, temos a estratégia de análise macro-textual, proposta por MAGALHÃES (ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; e PAGANO, Adriana, 2000). Os aspectos macro-textuais analisados são o gênero e os padrões retóricos, e a sua relação com traços gramaticais e escolhas lexicais específicas. Segundo a autora: "O conhecimento das estruturas genéricas e dos padrões retóricos usados para atingir o objetivo comunicativo do texto facilita a sua tradução, levando-o a fazer as escolhas mais adequadas dos componentes gramaticais e lexicais para o texto traduzido" (p. 85)

Cada tipologia textual apresenta um padrão retórico convencional que permite classificar os textos com relação às intenções comunicativas. No procedimento de análise macro-textual, o leitor/tradutor utiliza o seu conhecimento de mundo que o ajuda a fazer hipóteses sobre o texto: "A distinção dos gêneros e o reconhecimento de suas funções e objetivos, e dos padrões retóricos utilizados nesses gêneros, devem constituir-se numa estratégia de análise macro-textual da qual o tradutor faz uso no primeiro contato com o texto a ser traduzido" (p. 72).

Finalmente, apresentamos as estratégias de análise micro-textual propostas por MAGALHÃES (ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Celia; e PAGANO, Adriana, 2000). A análise passa a ter uma dimensão textual menor em que são examinados itens lexicais, partindo-se da palavra até as colocações e expressões idiomáticas metafóricas, além de itens gramaticais a partir do uso de tempos verbais até a ordem das palavras na frase.

A equivalência é tratada pela autora como sendo relativa e influenciada por diversos fatores lingüísticos e culturais. Ela toma como referência o modelo de BAKER (1992), segun-

do o qual as palavras ou enunciados detêm diferentes tipos de significado, quais sejam, proposicional – resultado da relação entre a palavra/enunciado e aquilo a que se refere; - expressivo – tem a ver com os sentimentos ou atitude do falante com relação àquilo a que a palavra/enunciado se refere; pressuposto – resulta de restrições estabelecidas pela co-ocorrência de palavras, pelo seu significado proposicional ou pelos grupos convencionais semanticamente arbitrários (ex: pão com manteiga e não manteiga com pão); evocado – é resultado de variações dialetais ou de registro.

O conhecimento apurado do léxico do par lingüístico com o qual o tradutor está trabalhando é essencial para MAGALHÃES. Não podemos esquecer que os itens lexicais, além dos diferentes significados citados anteriormente, podem ter um referencial culturalmente específico, o que representa um desafio maior para encontrar um equivalente cultural na língua-alvo.

Da mesma forma é importante o conhecimento profundo da gramática do par lingüístico afeto, para que o tradutor tenha possibilidades de fazer escolhas apropriadas dos recursos gramaticais que a língua-alvo lhe proporciona para a reescritura do texto.

Em uma perspectiva pragmática, BAKER (1999: 248) sugere que o autor seja autônomo a ponto de poder decidir se inclui ou omite uma determinada informação no texto-alvo: “As well as expanding a text to provide the necessary background information, a translator may decide to delete information that the target readership can be assumed to be familiar with”.

Transportando essa perspectiva pragmática para o nosso trabalho, podemos citar alguns exemplos ocorridos. Durante o processo tradutório do site da Unioeste, houve necessidade de omitirmos algumas informações, como pode ser constatado no contexto a seguir. Na tradução do texto sobre os cursos de extensão, mais precisamente sobre o Curso de Administração de Palotina, tínhamos a seguinte informação: “A princípio, esta será a única turma do curso de Palotina, embora possa ser feito novo acordo entre a UNIOESTE ...”. Omitimos a informação citada por considerarmos muito específica para o nosso contexto cultural e irrelevante ao leitor-alvo.

Utilizamos as estratégias sugeridas pelos autores entre as quais podemos citar, consultas a dicionários bilíngües e monolíngües conceituados, bem como, consulta a dicionários de áreas específicas e consulta a profissionais das áreas afetas. Como a tradução das disciplinas dos diferentes cursos da UNIOESTE implicava em trabalho com muitas áreas especiais (específicas), as quais não dominamos lingüísticamente por possuírem um jargão próprio, foi necessária a consulta a profissionais dessas áreas.

Podemos citar como exemplo desse dialogismo a solução tradutória para a palavra Órtese - do Curso de Fisioterapia - o qual não é encontrada em dicionário da área, e que com o auxílio da definição de profissionais da área, optamos pela solução da tradução descritiva, como pode se observar no exemplo: ÓRTESE = a kind of external prothesis; ou então o exemplo da palavra Agrosilvopastoris - do curso de ZOOTECNIA - que é um termo culturalmente específico ao contexto brasileiro. A solução encontrada foi separá-las em unidades de sentido e então traduzi-las (entre parênteses e ao lado do vocábulo em português), para ao menos refletir um referencial semântico do termo; ex: AGROSILVOPASTORIS = (Agro) Agriculture + (silvo) reforestation or farming + (pastoris) forages.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a maioria das questões levantadas pelos diferentes autores pesquisados nos foi muito valiosa, se em alguns casos não no sentido de novos referenciais, então no sentido de reforçar ainda mais a nossa postura com relação à tradução e ao tradutor. A tradução como uma tarefa que demanda competência lingüística e cultural, interação com outras áreas, e postura ética do tradutor para com o leitor-alvo. O tradutor como produtor de significados e, portanto, com habilidades lingüísticas, culturais e conhecimento das áreas com as quais trabalha.

Constatamos que os Estudos Tradutológicos estão expandindo cada vez mais seus paradigmas, pois pudemos perceber, por exemplo, a preocupação (inclusive) com as questões

de poder que permeiam a tradução, e a perspectiva contemporânea de trabalharmos a tradução como quinta habilidade, no processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

Da mesma forma constatamos a importância do referencial teórico obtido neste trabalho sobre as diferentes correntes dos Estudos Tradutológicos; as tipologias textuais e seus respectivos padrões retóricos; as diferentes funções da linguagem; a noção de equivalência como relativa e ligada a fatores como convenção lingüística e questões culturais; a percepção de tradução como uma área interdisciplinar; as possibilidades de uso de diferentes estratégias de tradução; o conceito de unidade de tradução; a visão sobre o tradutor como conhecedor, criador e inovador da linguagem que viabiliza a comunicação entre culturas; o reconhecimento dos diferentes níveis em que uma análise tradutória pode ocorrer; o reconhecimento das questões culturais e referenciais que determinam a leitura/tradução final de um texto; a importância da percepção das diferentes conotações do texto (neutra, positiva ou negativa); a proposta de distanciamento do texto-fonte como estratégia de obtenção da naturalidade do texto-alvo; a importância da percepção dos aspectos pragmáticos quando da tradução de um texto, dentre outros.

Finalmente podemos afirmar que o exercício tradutório quando respaldado teoricamente sobre questões relevantes sobre o processo tradutório – como as tratadas neste contexto – resulta em um trabalho mais consciente e criterioso e, portanto, provoca uma maior confiança ao tradutor, com relação ao processo e também ao resultado final: a tradução.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. *Traduzir com Autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

AZENHA JÚNIOR, João. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: USP, Humanitas, 1999.

AUBERT, Francis Henrik. *As (in)Fidelidades da Tradução: Servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: UNICAMP, 1993.

BAKER, Mona. *In other Words: a coursebook on translation*. London and New York: Routledge, 1992.

BASSNETT, Susan. *Translation Studies: Revised Edition*. London and New York: Routledge, 1991.

CORDEIRO, Juci Mara. *Tradução de diferentes tipologias textuais analisadas pela ótica da Abordagem Integrada de Tradução*. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística)- UNESP - Araraquara.

JIANG, Wenying. The relationship between culture and language. *ELT Journal*. OXFORD, vol. 54/4, p. 328-332, October, 2000.

NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. London: Phoenix ELT, 1995.

RIDD, Mark David. *Out of Exile: A new Role for Translation in the Teaching/ Learning of Foreign Languages. Tópicos em Lingüística Aplicada I*. Brasília: UNB, 2000.

ROBINSON, Douglas. *Construindo o Tradutor*. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2002.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e Diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.

VENUTTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo). Bauru: EDUSC, 2002.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTALÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber